

## **Pré-história do Seridó: perspectivas para o estudo das gravuras rupestres**

Márcia Severina Vasques – Doutor/UFRN

### **1. Introdução**

O conceito arqueológico de *tradição* tem sido, normalmente, aplicado aos estudos dos registros rupestres do Seridó, muitas vezes sem haver um trabalho mais sistemático sobre a ocupação pré-histórica da região. O objetivo deste trabalho é abordar o conceito de tradição aplicado aos registros rupestres e propor uma nova categoria de análise baseada na Arqueologia Contextual. Para isso, apresentamos, inicialmente, as aplicações tradicionais e atuais do termo *tradição*, em seguida fazemos um breve relato sobre os tipos de interpretações mais utilizados para as pinturas e gravuras rupestres, e por fim, mostramos alguns exemplos de representações que, ao nosso ver, podem ser correlacionadas com outros grafismos presentes na região sem, no entanto, propor interpretações ‘fechadas’ para os mesmos.

### **2. Registros rupestres: da *tradição* ao contexto arqueológico**

O uso do termo *tradição* remonta aos estudos da Arqueologia histórico-cultural do início a meados do século XX. Nesta época, os estudiosos acreditavam que era possível correlacionar grupo étnico com a cultura material. Portanto, determinada característica estilística de algum objeto (na forma ou na decoração, por exemplo) indicava que este artefato foi produzido por um grupo humano em especial. Se havia variação na composição esta era explicada pela inserção de um outro grupo humano, que entrou em contato com o primeiro. Nos estudos dos registros rupestres, gravura e, sobretudo, pinturas o tipo de confecção (formas, cores utilizadas, motivos representados) nas paredes rochosas indicava também à qual grupo étnico determinada composição e estilo pertencia.

Com o desenvolvimento científico da Arqueologia, nos anos 50 e 60 do século passado, outras preocupações passaram a ter prioridade e se percebeu que era muito difícil associar grupos étnicos com a cultura material. Outras formas de abordagem dos registros rupestres foram propostas, seja dentro da Arqueologia estruturalista ou da

Arqueologia processual, nas décadas de 60 e 70 e, posteriormente, com a Arqueologia pós-processual, a partir dos anos 80 do século XX.

O estudo dos registros rupestres variou consideravelmente no decorrer do tempo. No século XIX predominava a idéia da “arte pela arte”, ou seja, a realização de pinturas e gravuras se dava apenas pelo prazer estético dos grupos humanos primitivos. Ainda que a questão estética não possa ser descartada, a presença de grafismos em locais de difícil acesso indicava que esta explicação era simplista e precisava ser revista (GASPAR, 2003, p. 22). A hipótese que afirmava ser a magia simpática a chave de interpretação para as pinturas do Paleolítico europeu foi posta, pela primeira vez, pelo abade Henri Breuil. A analogia etnográfica com grupos tribais que estavam sendo estudados pela etnologia do final do século XIX e início do XX serviu de estímulo para o emprego deste tipo de interpretação. No entanto, não podemos simplesmente transpor dados colhidos de sociedade tribais contemporâneas a atribuí-los às pinturas rupestres pré-históricas. Cenas de caça, comuns na Pré-história mundial e brasileira, podem ser interpretadas de diversas maneiras e, provavelmente, não existe uma explicação única para estas representações visuais.

A Arqueologia estruturalista, baseada na antropologia de Claude Lévi-Strauss, trouxe novas maneiras de interpretação da arte rupestre. O foco deixou de ser a descrição em pormenores de figuras isoladas e deu-se ênfase à análise do conjunto e da disposição espacial dos painéis com figuras representadas (GASPAR, 2003, p. 25). No Brasil as análises estruturalistas de André Leroi-Gourhan e Annette Laming-Emperaire influenciaram vários arqueólogos, notadamente aqueles formados pela Escola Francesa como Niède Guidon e André Prous.

Com a Arqueologia Processual de finais dos anos 50 e que predominou nos estudos arqueológicos na década de 70, o campo de pesquisa se ampliou para o entorno geográfico do sítio arqueológico. Não apenas o painel deveria ser explorado e analisado, mas também a paisagem arqueológica, o meio-ambiente e as condições de vida daquele grupo humano. A organização social do grupo deveria ser estudada, assim como os meios de subsistência e os sistemas econômico, ecológico e tecnológico. Sabemos da dificuldade de relacionar os registros rupestres com dados provenientes de escavações, pois dificilmente podemos provar que uma dada pintura ou gravura corresponde à época de ocupação do sítio. No entanto, a tentativa de se estudar o sítio arqueológico como um todo e integrar o painel ou painéis com os registros rupestres na análise do sítio, foi um avanço para a pesquisa arqueológica.

A teoria arqueológica que se seguiu à Nova Arqueologia, denominada de Arqueologia pós-processual, ampliou as maneiras de interpretação da arte rupestre, considerando-a como um “texto” a ser lido, cuja leitura poderia variar de espectador para espectador, seja este o próprio homem pré-histórico ou o arqueólogo que estuda o registro rupestre. Enquanto a Arqueologia processual está preocupada com leis de comportamento humano, que poderiam ser aplicadas a vários tipos de sociedades, a Arqueologia pós-processual enfatiza os aspectos individuais e históricos e tende partir do estudo particular para o geral desconsiderando que haja um padrão de comportamento inerente a todos os grupos humanos. São duas linhas teóricas distintas, mas que estão dentro do ramo científico da Arqueologia atual, cabendo ao pesquisador escolher qual a melhor metodologia a aplicar em seu trabalho.

Os estudos dos registros rupestres da região nordeste têm, de maneira geral, sido desenvolvidos a partir do conceito de *tradição*. Atualmente, *tradição* tem sido definida como um horizonte cultural comum em uma dada área arqueológica, o qual era compartilhado pelos vários grupos humanos que viviam no mesmo habitat. A divisão da *tradição* é feita por similaridades temáticas e técnicas, sobretudo. Assim sendo, a repetição de temas e o modo de confecção das pinturas ou gravuras, indicaria que em determinada área predomina uma *tradição* específica. A *tradição* pode ser dividida em subtradições, que estariam associadas a um grupo desvinculado de uma *tradição* e estabelecido em outra área geográfica em condições ecológicas distintas com a presença de elementos gráficos novos. As subtradições, por sua vez, também são divididas em estilos e variedades ou fâcias, o que indicaria uma diferenciação temporal e espacial.

Martin (2003, p. 21-22) acredita que, em relação aos registros rupestres, existam três horizontes gráficos na área do Seridó: 1) Subtradição Seridó, ramo pertencente à Tradição Nordeste que, no Seridó, se divide em três estilos distintos: Serra da Capivara II, Carnaúba e Cerro Corá; 2) Tradição Agreste, ainda mal definida para a região; 3) Itaquatiaras, que são as gravuras rupestres, que podem ser inclusas em dois estilos distintos: um dentro da Subtradição Ingá com sítios situados ao longo dos cursos d’água e outro nos abrigos rochosos. Alguns autores consideram também a existência de uma Tradição Geométrica composta por grafismos puros, ou seja, aqueles que não podemos identificar à primeira vista. São figuras humanas esquematizadas, mãos e pés e representações de lagartos. Normalmente, aparece junto a outras tradições (PESSIS, 1992, p. 44).

A Tradição Nordeste com sua Subtradição Seridó é a mais conhecida e estudada na região. Está presente nos sítios com pinturas, principalmente abrigos sob rocha, localizados nas serras e serrotes. A Tradição Nordeste seria originária do Piauí, pois a região da Serra da Capivara é a que apresenta as datações mais antigas de ocupação humana do País e uma das mais antigas da América. Martin (2003, p. 14-15) acredita que levadas migratórias tenham partido do Piauí em direção à planície da bacia do Rio São Francisco por volta de 9000 A.P. (Antes do Presente). As rotas para a região do Seridó ainda são incertas, mas provavelmente as populações pré-históricas se deslocaram pela bacia hidrográfica do Açú-Piranhas, onde as condições de vida eram mais favoráveis. O primeiro estilo de pintura seria muito semelhante ao da Serra da Capivara e recebeu o nome de Estilo Serra da Capivara II. O estilo seguinte já seria típico da região e foi chamado Estilo Carnaúba. Já o estilo Cerro Corá seria mais próximo da Tradição Agreste.

A Tradição Nordeste se caracteriza pela sua grande variedade de temas com predominância de figuras em movimento com cenas de caça, dança, sexo e luta. Representações lúdicas também são comuns. A Subtradição Seridó apresenta elementos próprios que, embora apareçam na Tradição Nordeste, formam o cerne distintivo do Seridó como, por exemplo, a cabeça das figuras humanas em forma de caju, pessoas representadas ao redor de uma árvore, duas figuras humanas protegendo uma criança e figuras humanas de costas umas para outras (dorso contra dorso), geralmente com um sinal chamado tridígito (três dedos), registro emblemático da Tradição Nordeste.

Já a Tradição Agreste não está bem definida para o Seridó. No sudeste do Piauí e no agreste pernambucano esta tradição caracteriza-se pela presença de figuras antropomórficas de tamanho grande, geralmente isoladas (sem formar composições) e sem movimento (estáticas). Martin (2003, p. 20-21) acredita que, para o Seridó, não podemos considerar que exista uma tradição deste tipo e sim pinturas com tendências “agrestóides”. É assim que Martin caracteriza o estilo Cerro Corá, presente na área que cobre o município que dá nome ao estilo, Cerro Corá e Currais Novos.

As Itaquatiaras, pedras pintadas em tupi, constituem as gravuras rupestres encontradas à beira dos cursos d'água e nos abrigos rochosos. Em ambientes diferentes nota-se, também, maneiras diversas de entalhes. Enquanto nos sítios arqueológicos às margens de rios e riachos predominam formas circulares e linhas que se assemelham a pontos de contagem com espaços totalmente preenchidos, nos abrigos a superfície rochosa recebe um preparo de raspagem ou alisamento antes da gravação. O suporte

rochoso pode receber uma camada de tinta vermelha antes do entalhe ou, em certos casos, a gravura pode ser pintada com a mesma coloração.

Obter cronologia das gravuras é muito difícil. No Piauí uma datação foi possível na Toca dos Oitenta devido à presença de carvão no sedimento que cobria as gravuras (MARTIN, 2003, p. 22). O resultado foi uma datação entre seis mil e sete mil anos A.P. Para o Seridó ainda não possuímos datações para as gravuras. Os sítios arqueológicos mais antigos são a Pedra do Alexandre, em Carnaúba dos Dantas, e o Sítio Mirador, em Parelhas, com datação aproximada de nove mil anos A.P.. Ambos os sítios apresentam pinturas no Estilo Carnaúba, Subtradição Seridó.

Em relação às Tradições Agreste, Geométrica e das Itaquiarias ainda há muito estudo a ser feito para que possamos constatar realmente a sua existência. O termo *tradição* deve ser usado com cautela em relação às gravuras. Podemos denominar “Itaquiarias” às gravuras em geral, mas estas não podem ser enquadradas em um modelo único para todo o Seridó. A única tradição mais pesquisada é a Nordeste com sua Subtradição Seridó, para a qual existem estudos mais sistemáticos.

Vários autores sinalizam a necessidade de uma análise do contexto arqueológico como um todo para se poder compreender melhor os registros rupestres. Gabriela Martin propõe o estudo dos registros rupestres associados a dados cronológicos e históricos (2003, p. 13-14). Também Anne-Marie Pessis (1992, p. 39) coloca a necessidade de se estudar pinturas e gravuras em relação ao contexto arqueológico. Segundo a proposta de Loredana Ribeiro (2006), na sua metodologia utilizada no Vale do Peruaçu em Minas Gerais, uma análise de cada sítio particular e o estudo da rede de entrelaçamentos de áreas com pinturas e gravuras é primordial para o estabelecimento de critérios de definição de padrão de habitação e uso do espaço para as comunidades pré-históricas, assim como para as interpretações dos registros rupestres enquanto linguagem e código de comunicação visual. Uma análise detalhada feita por meio de prospecção e escavação permitiria a reunião de dados mais completos para podermos auferir se realmente determinadas pinturas e gravuras se inserem nas tradições, subtradições e estilos já definidos.

Loredana Ribeiro (2006) segue a linha teórica e metodológica da Arqueologia Contextual proposta na década de 80 do século XX pelo arqueólogo britânico Ian Hodder. As prerrogativas de análise da Arqueologia Contextual são as seguintes:

- 1) Análise de todos os dados disponíveis: é impossível compreender qualquer aspecto específico de uma cultura sem o exame de todos os seus elementos;
- 2) Cultura Material: analisada enquanto elemento constitutivo ativo da prática social, é um elemento ativo das estratégias sociais humanas;
- 3) Estilo: informa sobre os contextos nos quais os processos sociais/culturais tiveram lugar. Aspectos funcionais-adaptativos e escolhas individuais.
- 4) Papel do indivíduo: ativo na sociedade

Segundo os critérios expostos acima, propõe-se a análise da cultura material a partir de uma rede de semelhanças e diferenças, que deverão ser abrangidas nos seguintes aspectos: temporal, espacial, unidade de deposição e tipologia. Para o estudo inicial dos registros rupestres, para os quais não temos dados provenientes de escavação, a tipologia é o critério de análise básico a ser utilizado. Por tipologia entendemos, no caso específico dos registros rupestres, sua classificação por meio de características semelhantes como formas circulares de um lado e grades, de outro. Por outro lado, comparações com representações diferentes também são importantes, estando estas no mesmo painel de representação ou não. Evidentemente, sem parâmetros de análise provenientes do contexto arqueológico, a interpretação dos registros rupestres mostra-se insatisfatória. Por outro lado, um levantamento de dados



A) SÍTIO PINTADO, CACHOS E PEDRA LAVRADA<sup>1</sup>

a) Sítio Pintado



Fig. 1 - Pintado

Fig. 2 - Pintado

Fig. 3 - Pintado

Fig. 4 - Pintado

b) Cachos e Pedra Lavra



Fig. 5 - Cachos



Fig. 6 - Cachos



Fig. 7 - Cachos



Fig. 8 - Pedra Lavrada

Nestes sítios, situados à beira de riachos, notamos um padrão de representação comum: gravuras em forma circulares, raiadas, muitas vezes ligadas por traços. Pontilhados também são comuns neste tipo de grafismo. Muitas gravuras com estas características foram interpretadas como símbolos astronômicos, como se fossem uma representação do céu, com o sol e as estrelas (MARTIN, 2005, p. 290-291). Os pontilhados poderiam ser sistemas de contagem. Outros autores acreditam que o uso de alucinógenos poderia provocar este tipo de representação. Embora possam ser relevantes para algumas situações, estas teorias não podem ser comprovadas de fato sem um exame mais acurado, pois não temos mais o código visual que está retratado nestes grafismos.

#### B) SÍTIO PINTADO E XIQUE-XIQUE I<sup>2</sup>



Fig. 9 Pintado



Fig. 10 Pintado



<sup>2</sup> Fotos de Evanuel Marques da Silva



Fig. 11 Xique-Xique I

As gravuras, figuras 9 e 10, são do Sítio Pintado. Trata-se de representações de figura humana? Não podemos afirmá-lo com certeza. A imagem da figura 10, à direita na parte inferior da foto, parece um esquema figurativo humano. O círculo raiado da figura 9 é semelhante às representações circulares que encontramos entre as gravuras. Representações antropomórficas não são muito comuns entre as gravuras, pois aparecem, com mais frequência, na Tradição Nordeste. Na figura 11, do Sítio Xique-Xique I, em Carnaúba dos Dantas, estão retratadas figuras humanas carregando bastões ou cestos, típicas da Subtradição Seridó, Estilo Carnaúba. Como não sabemos as datações das gravuras é difícil estabelecer se elas foram contemporâneas ou não das pinturas. De qualquer forma, acreditamos que dependendo do suporte e da técnica de confecção utilizada, as representações poderiam variar, mesmo com a mesma temática. Portanto, a escolha de técnicas de representação e dos suportes não está necessariamente condicionada a períodos cronológicos distintos. Gravuras e pinturas podem ser contemporâneas. Somente uma datação por métodos físico-químicos pode nos dar as indicações corretas.

### C) SÍTIOS MIRADOR, XIQUE-XIQUE I E PINTADO



Fig. 11 Mirador



e I

<sup>3</sup> Foto de Diego da Silva para o Sítio Xique-Xi

Fig. 13 Pintado

A primeira e a segunda foto são, respectivamente, dos sítios Mirador, em Parelhas e Xique-Xique I (figuras 11 e 12), em Carnaúba dos Dantas. Podemos considerar que ambas se assemelham e estão inseridas na Subtradição Seridó. O motivo representado é controverso. Durante muito tempo se acreditou que este tipo de grafismo representava embarcações, pirogas primitivas usadas na navegação dos rios da região. Esta interpretação foi colocada em xeque por Anne-Marie Pessis que, utilizando-se de dados etnohistóricos, defende a hipótese de que são representações de redes (MARTIN, 2003, p. 18-19). A gravura (figura 13) do Sítio Pintado encontra-se no meio de várias outras representações. A sua característica afunilada (na parte central da foto) nos leva a pensar que pode também se tratar de uma rede, embora não tenhamos conhecimento de outros grafismos deste tipo para as gravuras da região.

#### D) SÍTIO TANQUES E GRUTA DA CARIDADE

##### a) Sítio Tanques<sup>4</sup>



Fig. 14 Tanques

Fig. 15 Tanques



Fig. 16 Tanques

Fig. 17 Tanques

b) Gruta da Caridade<sup>5</sup>

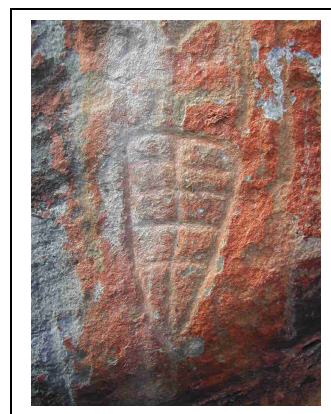
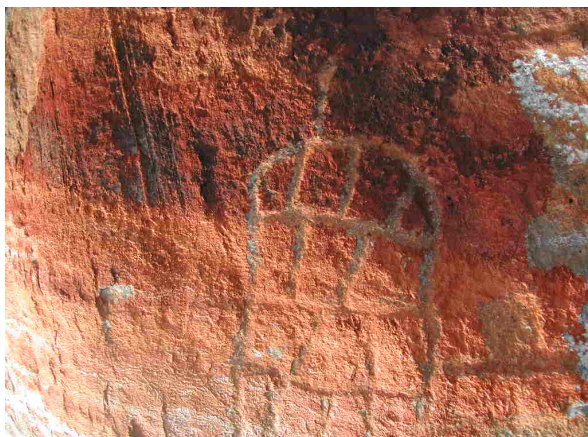


Fig. 18 Gruta da Caridade

Fig. 19 Gruta da Caridade

As representações do Sítio Tanques, em Jardim do Seridó e da Gruta da Caridade, em Caicó, são semelhantes no tipo de grafismo como os sinais, ao que parece, emblemáticos das figuras 15, 16, 18 e 19. A Gruta da Caridade apresenta superfície rochosa avermelhada, onde foram talhadas as gravuras. Alguns grafismos do sítio

<sup>5</sup> Fotos de Paula Sônia de Brito

Tanques também apresentam uma coloração em vermelho, difícil de identificar. Natural ou não a presença da coloração vermelha indica um propósito na composição da representação.

### **3. Considerações finais**

Muitos sítios arqueológicos do Seridó apresentam representações repetitivas que demonstram o compartilhamento de um mesmo padrão cultural pelos grupos humanos que transitavam pela região. Um levantamento sistemático destes sítios proporcionaria uma melhor dimensão dos antigos habitantes da região e das redes de relacionamento entre eles. Sabemos, por exemplo, que gravuras semelhantes às do Seridó norte-riograndense são encontradas também no Seridó paraibano e em outras áreas do semi-árido nordestino. Por outro lado, as gravuras poderiam ser melhor compreendidas caso pudessem ser comparadas com representações pintadas. Grafismos enquadrados na “Tradição Geométrica”, ou seja, aqueles não reconhecíveis e identificáveis possuem, muitas vezes, semelhanças na representação com o que encontramos nas gravuras. A técnica de confecção influencia na maneira de representação, seja abstrata ou figurativa e isto deve ser levado em consideração pelo pesquisador. As gravuras não devem ser tratadas isoladamente das pinturas, como se tivessem sido realizadas por outros grupos humanos. E esta conexão (ou não) entre suportes e técnicas diferenciadas de representações rupestres só pode ser considerada a partir da análise do contexto arqueológico.

### **4. Referências bibliográficas**

BERRA, J. C. de A. *A arte rupestre na Serra do Lajeado, Tocantins*. 2003. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

CAVALHEIRO, A. B. C. M. *Pinturas rupestres dos Campos Gerais – Paraná*. 2004. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

HODDER, I. *Interpretación en Arqueología: corrientes actuales*. Barcelona: Ed. Crítica, 1994.

MARTIN, G. *Pré-história do Nordeste do Brasil*. Recife: Ed. UFPE, 2005.

MARTIN, G. Fronteiras estilísticas e culturais na arte rupestre da área arqueológica do Seridó (RN, PB). *Clio Arqueológica*, Recife, nº 16, p. 11-32, 2003.

PESSIS, A. M. Identidade e classificação dos registros gráficos pré-históricos do nordeste do Brasil. *Clio Arqueológica*, Recife, nº 8, p. 35-68, 1992.

RIBEIRO, L. *Os significados da similaridade e do contraste entre os estilos rupestres – um estudo regional das gravuras e pinturas do Alto-médio Rio São Francisco*. 2006. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2006.